

O tormento da escola: o retorno

Que droga! Segunda-feira.

O caixote me espera. Antes fosse o caixão.

Mas é o caixote, como uma gaiola. E nós, os passarinhos.

Eu queria voar, mas me disseram que minhas asas não funcionam.

Na verdade, eu nunca aprendi a usá-las. Acho que este é meu destino.

Ah! Mas se ao menos eu pudesse voar dentro do caixote...já seria bem melhor!

Mas tem o moço. Ele grita. A gente obedece.

Quanto cimento tem aqui! Quantas grades! É pra ninguém entrar ou pra ninguém sair?

Se minhas asas funcionassem, eu voaria. Voaria pra bem longe. Pra algum lugar onde eu pudesse correr, gritar, pular, contar minhas histórias...ser eu. Mas no caixote, não pode.

- “HORA DE FORMAR!” (alguém disse)

De novo! Que saco! Formar pra entrar, formar pra sair, formar pra comer, formar pra escovar os dentes, formar, formar, formar...quero formar pra nunca mais voltar! Mas eu volto. Pra dentro do caixote.

O melhor desse lugar é a janelinha. Lá, eu consigo ver o céu, o sol, as pipas...ouvir os pássaros, as outras crianças na rua...ah! a janelinha é o melhor buraco do caixote!

Lá, eu sonho que minhas asas funcionam normalmente, e eu voo, voo, voo...até cansar!

Mais um dia voltando pra casa.

Pelo menos na minha casa não tem grade no caixote, quer dizer, na caixinha.

Mas sigo sonhando em voar...

Bruno Martins de Carvalho Paulo

